

Música e idosos, um estado da arte (2003-2020) e a ausência da pedagogia do piano

Comunicação

Ana Maria Janunzzi de Salles
Universidade Federal de São João del-Rei
anamariajsalles@gmail.com

Carla Silva Reis
Universidade Federal de São João del-Rei
carlareis@ufsj.edu.br

Resumo: O presente trabalho apresenta os resultados de um levantamento sobre o ensino de música para idosos em artigos publicados nos anais de congressos e encontros nacionais da Associação Brasileira de Educação Musical e da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Música e também nas revistas da ABEM e na revista Opus. Este *Estado da Arte*, com recorte temporal de 2003-2020, é parte de uma pesquisa de mestrado em andamento. Além dos dados quantitativos, são apresentadas reflexões, de caráter especulativo e argumentativo, que apontam e discutem a ausência da pedagogia do piano no levantamento realizado.

Palavras-chave: Pedagogia do piano; Estado da arte; Gerontagogia do piano.

Introdução

O presente trabalho é um recorte de uma pesquisa de mestrado em andamento na Universidade Federal de São João del-Rei, Minas Gerais. Apresentamos aqui um *Estado da Arte* que visa mapear a presença do binômio “música e idosos”, com um recorte temporal de 2003 a 2020, tendo como fontes os Anais dos Congressos e Encontros Nacionais da ABEM e da ANPPOM, a Revista da ABEM e a Revista Opus.

Após o levantamento quantitativo e a leitura atenta dos trabalhos, propôs-se uma reflexão transversal em diálogo com a pedagogia do piano, esta de caráter especulativo e argumentativo. A principal questão que norteou essa reflexão foi: qual o significado da ausência de trabalhos que tratam do ensino de piano para idosos? Portanto, pretendemos discutir aqui, possíveis consonâncias e dissonâncias entre a pedagogia do piano e o ensino musical para idosos.

O binômio “música-idosos”: um *Estado da Arte*

A Associação Brasileira de Educação Musical (ABEM) conta até a presente data com 28 volumes de sua Revista, publicadas entre os anos de 1992 e 2020. Entre essas publicações, foram encontrados dois artigos sobre o tema proposto. Os 11 Congressos/Encontros Nacionais foram realizados entre os anos de 2003 e 2019, e em seus Anais foram encontrados 22 trabalhos que tratam do assunto música e idosos.

Os Anais do XIV Encontro Anual da ABEM não estão disponíveis, portanto não se sabe se há ou não trabalhos com a temática proposta. Há no site da Associação apenas o sumário do XVII Encontro Anual da ABEM, onde foram encontrados três títulos com o tema, porém sem nomear os autores.

A Associação Nacional de Pesquisa e Pós Graduação em Música (ANPPOM) realizou 30 encontros desde sua criação, entre os anos de 1988 e 2020. Ao todo foram encontrados treze trabalhos que tratam do binômio “música e idosos”. A revista *Opus*, conta com 27 volumes desde seu início em 1989. Nela, não foram encontrados artigos que tratassem do tema proposto. Entre as centenas de trabalhos pesquisados, encontramos apenas 37 que tratavam do assunto música e idosos. Estes foram analisados em profundidade e, em seguida, categorizados em seis subtemas: A) Práticas musicais em grupo, B) Aulas de instrumento individuais, C) Relações terapêuticas, físicas e psicossociais do aprendizado musical, D) Interdisciplinaridade, E) Saberes necessários ao lidar com o público idoso, F) Revisão de literatura. A partir do levantamento, formulamos a seguinte tabela:

Tabela 1: Levantamento de trabalhos.

Congressos/Encontros ABEM						
Sub-tema	A	B	C	D	E	F
Quantidade	1	1	9	2	8	1
e						
Revista ABEM						
	A	B	C	D	E	F
	-	-	-	-	2	-
Anais dos Congressos ANPPOM						
	A	B	C	D	E	F

	1	-	7	1	2	2
Revista Opus						
	A	B	C	D	E	F
	-	-	-	-	-	-
Total de trabalhos	2	1	16	3	12	3

Fonte: elaborada pelas autoras.

Análise e diálogos

Observa-se a partir dos dados expostos acima o grande interesse pelas relações terapêuticas, físicas e psicossociais do aprendizado musical na terceira idade, com um total de 16 artigos selecionados. Nesses trabalhos, podemos identificar uma aproximação com campo da Musicoterapia, na busca por investigar e estudar “o ser humano, suas manifestações sonoras e os fenômenos que decorrerem da interação entre as pessoas e a música, o som e seus elementos: timbre, altura, intensidade e duração” (CUNHA; VOLPI, 2008, p.86). As pesquisas encontradas trazem temáticas em comum, a saber: a socialização das pessoas idosas, o estímulo de suas habilidades cognitivas e principalmente a melhora na qualidade de vida. Essa categoria se expressa muito bem no resumo de um dos trabalhos: “Defendemos a educação musical como importante para o desenvolvimento completo do ser humano, servindo como estímulo para o desenvolvimento de novas habilidades, favorecendo o exercício da participação social” (REIS, OLIVEIRA, 2004).

Em seguida, com 12 trabalhos encontrados, temos os saberes necessários para se trabalhar com o público idoso como foco principal. Apenas um artigo trata de uma pesquisa feita diretamente com professores, e investiga “os saberes que norteiam a formação e a atuação de professores de música que atendem alunos idosos” (RODRIGUES, 2013). Os outros 11 trabalhos possuem relatos de experiências que ocorreram em projetos de educação musical tanto de caráter formal quanto não-formal. Nas palavras de Cunha e Kaiser, esses trabalhos pretendem “investigar estratégias didáticas que favoreçam o aprendizado musical do idoso” (CUNHA, KAISER, 2019), por meio de reflexão das práticas relatadas.

Duas das revisões de literatura localizadas, assim como o presente trabalho, apresentam “o estado da arte das dissertações e teses disponibilizadas nos resumos do Banco de Teses da Capes sobre música e idosos” (JUNIOR, 2013), realizado em períodos distintos. A

terceira se preocupa em apresentar os resultados de um levantamento bibliográfico sobre os benefícios da música na terceira idade, em que foram constatados “a reativação da memória, a melhora da qualidade de vida e da saúde, o aumento da auto-estima e por consequência, um crescimento interpessoal e afetivo” (SOUZA, LEÃO, 2006).

São três os trabalhos a respeito de interdisciplinaridade. Dois deles trazem o diálogo entre a Licenciatura em Música e a Educação Física, por meio de atividades rítmicas que visavam o “desenvolvimento e melhora na coordenação motora, para o contato com diversidade musical brasileira, bem como a socialização de um grupo de idosos” (AMARAL, JÚNIOR, OLDENBURG, 2010). Já o terceiro trabalho trabalha com a interação das disciplinas, porém “refletindo sobre a importância da vigilância quanto aos limites destas interações a fim de que a multidisciplinaridade colabore direta e especificamente com o esclarecimento das questões de educação musical” (FIGUERÊDO, 2008).

Os dois trabalhos sobre práticas musicais em grupo contêm relatos de experiências com corais. O objetivo principal em comum é a “ênfase na preparação vocal e no estudo de repertório” (MOREIRA, REIS, OLIVEIRA, 2019). O artigo de Almeida traz no resumo o objetivo de “verificar as possibilidades pedagógicas de afinação vocal e ritmo em uma atividade de canto coral com cantores da terceira idade” (ALMEIDA, 2013).

Por fim, apenas um trabalho está direcionado para o ensino individual de instrumento, intitulado “Aulas de acordeom na terceira idade: uma abordagem reflexiva sobre um caso específico” (REIS, 2009). O trabalho apresenta um relato de experiência e tem “destaque para uma descrição reflexiva sobre as aulas iniciais com um aluno pertencente à terceira idade” (REIS, 2009).

Independentemente da categoria em que se encaixam, podemos concluir que toda a produção acadêmica encontrada neste levantamento possui como característica comum a presença de experiências musicais com abordagens que se distanciam do modelo tradicional de ensino, marcado pelo *habitus conservatorial*¹ (PEREIRA, 2018).

É também importante ressaltar que por meio da revisão bibliográfica realizada até o momento, foi possível localizar trabalhos de autores estrangeiros que abordam a temática do ensino de piano para idosos como Andreas Niessen (1993), Pamela Pick (2001), Ariane Nantel

¹ O *habitus conservatorial* se caracteriza por ser “uma matriz disposicional que engendra modos de ação e percepção, bem como crenças e critérios de valor, institucionalizados pelos Conservatórios de Música”. (PEREIRA, 2018, p.11).

(2015), Susana Sarfson e Claudia Albini (2017), Liz Navarro e Nohemí Ramírez (2018), entre outros. Diante do exposto até aqui, como pianistas e professoras, atuantes no campo da pedagogia do piano, fomos levadas a questionar o motivo da ausência de trabalhos que tratam do ensino do piano para idosos no contexto brasileiro.

A ausência da Pedagogia do Piano: possíveis (des)motivações

A tecnologia tem proporcionado um contato mais intenso entre os professores de piano, seja por meio de grupos em aplicativos de mensagens, seja pelas redes sociais. Por meio de trocas de experiências e conversas informais, podemos afirmar, empiricamente, que é crescente a procura por aulas de piano pela população idosa, e que, em muitos casos, os professores parecem não se sentir capacitados para lidar com esse novo público.

No campo da Pedagogia do Piano, a despeito dos estudos da sociologia da educação musical e de metodologias inclusivas como a proposta por Shinichi Suzuki, a crença no talento inato persiste em determinados ambientes. Essa ideia se relaciona com uma série de outras crenças, como a valorização da iniciação precoce ao estudo do piano, a hegemonia do repertório europeu ocidental e a necessidade de várias horas diárias de intensa dedicação ao instrumento. Tudo isso faz parte da noção de *Ofício do Pianista*, cunhada por Reis (2020), que é constituída por disposições e comportamentos considerados necessários para que se tenha um reconhecimento pelos pares.

Parafraseando a noção de "ofício de aluno" de Philippe Perrenoud², a autora apresentou o "ofício do pianista" a partir da descrição de práticas e representações que subjazem à sua formação. Para chegar a essa caracterização foram utilizadas fontes alternativas, a saber: os currículos artísticos, uma página da rede social *Facebook* e um breve levantamento de opinião junto aos professores de piano de instituições superiores (Reis, 2020, p. 34-37). Entre os vários aspectos que constituem o ofício do pianista, destacamos: a valorização da precocidade na iniciação instrumental, a importância do repertório como meio de classificação e reconhecimento pelos pares, a grande dedicação de tempo à prática instrumental e a tenacidade na rotina de estudo, como também um estilo de vida devotado

² PERRENOUD, P. *Ofício de Aluno e o sentido do trabalho escolar*. Porto: Porto Editora, 1994.

ao piano e à música erudita (Reis, 2020, p. 42). Considerando que essas regras e práticas – muitas vezes não explícitas – são naturalizadas pelos agentes do campo, é possível aferir que elas sejam não somente responsáveis por indicar um percurso formativo ideal, mas também por moldar as expectativas profissionais de futuros professores. A valorização – muitas vezes inconsciente – de tais características e atitudes pode também estar relacionada, em nossa perspectiva, com a falta de trabalhos voltados ao ensino para idosos.

Nesse sentido, a ideia de inclusão de alunos idosos nas aulas de piano pode gerar sentimentos de estranhamento e frustração para aqueles que foram preparados para reproduzir o modelo descrito. A título de exemplo ressaltamos, em primeiro lugar, a ênfase na precocidade ou mesmo na "herança genética", que explicita também a predominância no campo da visão essencialista do talento. Ao assumir essa premissa como legítima, o professor de piano pode – mesmo que inconscientemente – duvidar da importância de se estudar um instrumento na idade adulta, dando às aulas um caráter terapêutico. O segundo ponto se refere à centralidade ocupada pelo repertório canônico ocidental na construção da identidade profissional do pianista. Seja pela quantidade, seja pela dificuldade das obras dominadas, o repertório constitui um importante indicador de competência. Diante disso, a perspectiva de não se abordar tal repertório em aulas para idosos (seja por limitações físicas ou divergência de interesses) também pode constituir um entrave para o professor (SALLES; REIS, 2021).

Diante do exposto, acreditamos que para além de se buscar novas metodologias e estratégias didáticas, é fulcral que aconteçam mudanças de paradigmas na pedagogia do piano, a fim de desnaturalizar regras e práticas vinculadas ao *habitus conservatorial* (PEREIRA, 2018). Uma das questões caras ao *habitus conservatorial* é a centralidade da habilidade de leitura de partitura. Embora atualmente existam diversos materiais didáticos que fogem deste padrão e exploram outras habilidades a serem desenvolvidas na iniciação ao instrumento, ainda existe resistência para a inclusão de atividades que envolvam a exploração sonora, o ensino por imitação ou “de ouvido” e a utilização de grafias não-convencionais. Essa atitude vai ao encontro do conceito de “tradição inventada” de Eric Hobsbawm (2018), que significa um

conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácitas ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamentos através da repetição, o que implica, automaticamente, uma continuidade em relação ao passado. (HOBSBAWM, 2018, p. 8).

As motivações dos idosos para estudarem um instrumento são diversas, como por exemplo, a realização de um antigo sonho, a melhora na qualidade de vida ou a busca por uma atividade prazerosa que fuja à rotina. Em geral, essas pessoas não buscam a profissionalização, logo, não há uma necessidade de uma linearidade na apresentação dos conteúdos. Como exemplo, podemos citar a prática comum em modelos tradicionais de ensino do piano de se fazer “estudos de técnica pura”, ou seja, exercícios mecânicos isolados de um contexto musical, que pode ser um fator desmotivador para o aluno idoso.

Um fato a se destacar é que, diferentemente das crianças, os alunos idosos já possuem uma concepção do que é “música”, e muitas vezes há uma divergência entre alunos e professores. Segundo Jeannine Jacobson, “muitos desses alunos apreciam e se motivam com músicas populares de quando eram jovens” (JACOBSON, 2016, p.313). É importante ressaltar que parte desse repertório não está escrito em partituras tradicionais (com clave de sol e fá), o que pode trazer a necessidade de se sair da zona de conforto em busca de novas habilidades, como por exemplo a leitura de cifras, o que pode gerar uma resistência por parte do professor que não desenvolveu essa habilidade em sua formação musical.

Um olhar gerontagógico sobre a Pedagogia do Piano

Diante do que foi exposto acima e à luz dos estudos em educação musical inclusiva, julgamos pertinente propor um olhar gerontagógico para a área da pedagogia do piano. O conceito de Gerontagogia representa “um campo de práticas, discursos e saberes acerca da educação de pessoas idosas. Considera-se um recorte disciplinar que se ocupa da reflexão pedagógica a respeito dos idosos³” (YUNI; URBANO, 2015, p.24). Além de um campo conceitual, a Gerontagogia é uma ciência aplicada, segundo Mariano Sánchez Martínez, “o Gerontagogo, além de um investigador teórico, é um interventor – um profissional que intervém e orienta seu trabalho em torno de uma série de pautas⁴” (SÁNCHEZ MARTÍNEZ, 2003, p. 60).

³ “Un campo de prácticas, discursos y saberes acerca de la educación de las personas mayores. Proclama para sí un recorte disciplinar que se ocupa de la reflexión pedagógica acerca de los gerontes” (YUNI;URBANO, 2015 p.24).

⁴ “El gerontagogo más que un investigador o un teórico es un interventor –un profesional de la intervención que orienta su trabajo en torno a una serie de pautas.” (SÁNCHEZ MARTÍNEZ, 2003, p. 60).

Quando tratamos de envelhecimento, estamos em meio a um processo natural do ser humano que não pode ser compreendido de forma superficial, apenas pela idade numérica, como faz o senso comum. Não existe uma classificação das pessoas idosas, segundo Lemieux e Martínez, “o que eles têm em comum é exatamente o que os torna diferentes, isso é a heterogeneidade!”⁵ (LEMIEUX; MARTÍNEZ, 2000 p. 476). Por sermos seres plurais, uma atitude pouco produtiva frente a essa multiplicidade é a de tentar estabelecer um padrão de “o quê e como” deve ser o ensino para os idosos (YUNI; URBANO, 2015).

O ensino para idosos foge também ao padrão tradicional de ensino aluno-docente, logo, também ultrapassa a relação de subordinação entre quem aprende e quem ensina, como observamos na relação criança-adulto (YUNI; URBANO, 2015). Nesse sentido, o papel do professor é de “um facilitador ou um guia, que gera condições para que os idosos ‘se deem conta’ das interpretações, significados e atribuições que fazem sobre os fatos que lhes rodeiam”⁶. (YUNI; URBANO, 2005, p. 33).

Considerações finais

Como observado no levantamento quantitativo de trabalhos, ainda é bem reduzida a produção de conhecimento sobre o binômio “música-idosos” no Brasil, e é nula no que diz respeito à Pedagogia do Piano. Observamos também que as pesquisas encontradas tinham como centro a experiência musical para os idosos, com abordagens que se distanciam do modelo tradicional de ensino de música.

Os padrões de ensino tradicional marcados pela noção de *habitus conservatorial* (PEREIRA, 2018) estão presentes na Pedagogia do Piano, dificultando a inclusão de novas abordagens e conseqüentemente de novos públicos pouco alinhados ao *Ofício do Pianista*, descrito por Reis (2020). Assim, considerando que essas regras e práticas são naturalizadas pelos agentes do campo, podemos concluir que, além de serem responsáveis por indicar um percurso formativo ideal, também criam expectativas profissionais para os futuros professores.

⁵ “The irony is that what they have in common is precisely what differentiates them, namely heterogeneity!” (LEMIEUX; MARTÍNEZ, 2000 p. 476).

⁶ El educador de mayores es un facilitador o un guía que genera las condiciones para que los adultos mayores puedan “darse cuenta” de las interpretaciones, significaciones y atribuciones que realizan sobre los hechos que les acontecen.” (YUNI; URBANO, 2005, p. 33).

As possíveis (des)motivações identificadas neste trabalho, além de trazerem à tona alguns aspectos incômodos, servem de reflexão para que possamos ter uma *práxis* pedagógica mais afinada com os conceitos de uma educação musical inclusiva. Nesse sentido, julgamos que os estudos no campo da Gerontagogia podem servir de base para que possamos compreender melhor as relações entre os alunos idosos e suas formas de aprendizagem.

Pelos motivos aqui apresentados, e por outros que pretendemos investigar, podemos concluir que há uma necessidade urgente de renovação das práticas pedagógicas relacionadas ao ensino do piano, para que, assim, sejam cada vez mais inclusivas e tragam o aluno como agente participativo do processo de ensino-aprendizado. Esperamos, por fim, que as discussões aqui apresentadas possam contribuir para uma reinvenção pedagógica, no que diz respeito ao ensino de piano na terceira idade, dentro da emergente área da pedagogia do piano no Brasil.

Referências

ALMEIDA, Matheus Cruz Paes de. O canto coral e a terceira idade – o ensaio como momento de grandes possibilidades. *Revista da ABEM*, Londrina, v.21, n.31, p. 119-133, 2013.

AMARAL, Maria Luiza Feres do; JÚNIOR, Vilton Pasquali; OLDENBURG, Willian Wilson. Ritmo e dança na terceira idade, uma experiência interdisciplinar: um olhar musical. In: Congresso Nacional da ABEM, XIX, 2010, Goiânia. *Anais*: Goiânia, 2010, p. 2132-2140.

CUNHA, Rosemyriam; VOLPI, Sheila. A prática da musicoterapia em diferentes áreas de atuação. *Revista científica/FAP*, Curitiba, v. 3, p. 85-97, 2008.

CUNHA, Wilsander Gomes da; KAISER, Izaura Serpa. Música na maturidade: estratégias didáticas para o aprendizado musical do idoso na fames em Vitória/ES. In: Congresso da ABEM, XXIV, 2019, Campo Grande. *Anais*: Campo Grande, 2019, p.(?).

FIGUERÊDO, Michal Silverio. Fronteiras na educação musical com idosos: um estudo de caso com características multidisciplinares. In: Congresso da ANPPOM, XVIII, 2008, Salvador. *Anais*: Salvador, 2008, p. 149-152.

HOBBSAWM, Eric J. Introdução: a invenção das tradições. In: HOBBSAWM, Eric; RANGER, Terence (org.). *A invenção das tradições*. 12. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2018. p. 7-24.

JACOBSON, Jeannine M. Professional Piano Teaching, Vol. 1: Comprehensive Piano Pedagogy Textbook. Los Angeles: Alfred Music. 2016.

JARDIM, Vera Lúcia Gomes. Da arte à educação: a música nas escolas públicas 1838-1971. 307 f. Tese (Doutorado em Educação: História, Política e Sociedade) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008.

JUNIOR, José Davison da Silva. Música, idosos e memórias autobiográficas: interfaces de uma pesquisa em educação musical. In: Congresso da ABEM, XXI, 2013, Pirenópolis. *Anais*: Pirenópolis, 2013, p. 1482-1491.

LEMIEUX, André & MARTINEZ, Mariano Sánchez. Los programas universitarios para mayores. Madrid: INSERSO, 1997.

LEMIEUX, André & SÁNCHEZ, Mariano. Gerontology beyond words: A reality. *Educational Gerontology*, Londres, v. 26, n. 5, p. 475-498, 2000.

MOREIRA, Ana Lúcia Iara G., REIS, Angela Cristina C., OLIVEIRA, Edilene Dias de. Dinâmica de ensaio para coros de terceira idade: aspectos da preparação vocal e do estudo de repertório. In: Congresso da ABEM, XXIV, 2019, Campo Grande. *Anais*: Campo Grande, 2019.

NANTEL, Ariane. Enseignement du piano aux personnes âgées autonomes (65 à 79 ans): élaboration d'un guide pédagogique web. 558 f. Tese (Doutorado em Música: Educação Musical) – Université Laval, Québec, 2015.

NAVARRO, Liz Jiménez; RAMÍREZ, Nohemí Bedoya. Lineamientos para la enseñanza integral del piano y lenguaje musical a nível inicial para estudantes adultos. Orientador: Edilson Valencia. 2018. 94 f. TCC (Graduação) – Licenciatura em Música, Facultad de Educación, Corporación Universitaria Adventista, Medellín, Colombia, 2018.

NIESSEN, Andreas. Instrumentalunterricht an Musikschulen. In: SCHULTERN, Maria Luise (org.). *Musikvermittlung als Beruf*. Essen: Die Blaue Eule, 1993, p. 108-119.

PEREIRA, Marcos. Possibilidades e desafios em música e na formação musical: a proposta de um giro decolonial. *Interlúdio - Revista de Departamento de Educação Musical do Colégio Pedro II*, Rio de Janeiro v. 6, n. 10, p. 10-22, 2018.

PIKE, Pamela Dawn. Leisure piano lessons: A case study of lifelong learning. 286 f. Tese (Doctor of Philosophy) – University of Oklahoma, Norman, 2001.

REIS, Angela C.C. & OLIVEIRA, Viviane Silva. Canto coral na terceira idade: um caminho para a inclusão social. In: Encontro Anual da ABEM, XIII, 2004, Rio de Janeiro. *Anais*: Rio de Janeiro, 2004, p. 121-124.

REIS, Carla Silva. O piano na universidade brasileira: trajetórias em contraponto. Curitiba: Appris, 2020.

REIS, Jonas Tarcísio. Aulas de acordeom na terceira idade: uma abordagem reflexiva sobre um caso específico. In: Congresso da ABEM, XVIII, 2009, Londrina. *Anais*: Londrina, 2009, p. 320-328.

ROGRIGUES, Eunice Dias da R. A formação do professor de música e sua atuação com alunos idosos: que saberes são necessários? *Revista da ABEM*, Londrina, v.21, n.31, p. 105-118, 2013.

SALLES, Ana Maria J; REIS, Carla. Por uma abordagem inclusiva no ensino de piano para idosos. In: Congresso Internacional de Música y Cultura para la Inclusión y la Innovación, III, 2021, La Coruña. *Anais*: La Coruña, 2021, p. 68-72.

SARFSON, Susana Alicia G; ALBINI, María Claudia. Música para Adultos Mayores: Voluntariado Universitario para la Mejora Social. *Revista Internacional de Educación para la Justicia Social*. Madrid - Espanha, v.6, n.2, p. 167-176, 2017.

SÁNCHEZ MARTÍNEZ, Mariano. La semántica de la terminología en educación de personas mayores: la gerontagogía. In: SÁEZ CARRERAS, Juan *Educación Y Aprendizaje en Las Personas Mayores*. Madrid: Dykinson, 2003, p. 53-61.

SOUZA, Cristiana Miriam S. de, LEÃO, Eliane. Terceira idade e música: perspectivas para uma educação musical. In: Congresso da ANPPOM, XVI, 2006, Brasília. *Anais*: Brasília, 2006, p. 56-60.

YUNI, José Alberto; URBANO, Claudio Ariel. Educación de adultos mayores: teoría, investigación e intervenciones. Argentina: Editorial Brujas, 2015.